

REPERCUSSÕES DA INSEGURANÇA ALIMENTAR EM UM BAIRRO POPULAR DE PELOTAS/RS: A FALTA E A SUBSTITUIÇÃO

TAMIRES RODRIGUES SIQUEIRA¹; RENATA MENASCHE²

¹*Universidade de Pelotas – tamiressiqueira08@gmail.com*

²*Universidade de Pelotas – renata.menasche@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Apesar da saída do Brasil do Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2014, já nos anos de 2017 e 2018, os dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicavam que 5% da população brasileira encontrava-se em situação de insegurança alimentar grave. Realidade que, com a chegada da pandemia, se intensificou, tornando os dados ainda mais alarmantes. Ainda que o quadro anterior de insegurança alimentar no país fosse grave, em 2022, com o avanço da crise sanitária decorrente da pandemia de Covid-19, passaram a ser cerca de 33 milhões as pessoas atingidas pela fome no Brasil.

É nesse cenário que esta pesquisa desenvolvida durante meu trabalho de conclusão de curso, e meu período de bolsista do projeto “Fluxos entre campo e cidade: Tendências da alimentação contemporânea”, conduziu o olhar para um bairro popular de Pelotas, Rio Grande do Sul, de modo a permitir observar algumas das estratégias acionadas por seus moradores para lidar com a expansão da insegurança alimentar.

2. METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a realização da pesquisa diz respeito, acima de tudo, ao período turbulento em que o mundo esteve sujeito desde 2020, com a crise sanitária de Covid-19. Sobretudo porque quando a pesquisa teve início, pouco se sabia sobre a letalidade do vírus e cresciam, no país e no mundo, os números de contaminações e de mortes decorrentes da pandemia, não havendo, então, perspectiva de vacinação.

Nesse quadro, a escolha pela realização da pesquisa em um espaço que me é familiar mostrou-se a estratégia mais viável - estratégia que denominamos “etnografia de pijama” -, por ser compatível com a necessidade cotidiana de, de todo o modo, frequentar aquele espaço. Dada a proximidade de minha residência em relação ao espaço de realização do estudo – aqui tratado genericamente como minimercado –, sempre o frequentava vestindo trajes de uso comum em casa, roupas casuais, muitas vezes pijamas. O nome “etnografia de pijama” é, desse modo, empregado como forma de demarcar a escolha por continuar usando as mesmas roupas que costumava, anteriormente, vestir ao frequentar o mercadinho, uma escolha movida pela intenção de não colocar distância entre as interlocutoras – desde antes da pesquisa acostumadas a minha presença no local – e eu.

O intuito inicial da etnografia consistia em buscar apreender que alimentos e com qual regularidade eram comercializados no minimercado. Contudo, aos poucos o foco da pesquisa foi sendo alterado, pois percebi que, ainda que os proprietários do mercadinho possuísem uma perspectiva interessante a respeito dos hábitos de consumo alimentar de seus clientes, seriam também valiosas, para a reflexão proposta, as percepções e

subjetividades das consumidoras. Foi assim que a pesquisa, que até então mantinha o foco no entendimento dos hábitos alimentares da clientela do minimercado a partir da visão da comerciante, foi expandida de modo a tomar mais efetivamente em conta a teia social que se desdobra a partir do mercadinho, buscando, desse modo, escutar as próprias pessoas que experienciam a insegurança alimentar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo presente o entendimento trazido por Schappo (2021), de que a segurança alimentar está associada ao acesso regular e satisfatório de alimentos em qualidade e em quantidade adequadas, sem que tal consumo comprometa outras necessidades essenciais – como moradia, educação e saúde –, a situação contrária caracteriza a insegurança alimentar, que pode abranger três graus: leve, moderado e grave. Trata-se de insegurança alimentar leve quando ocorre a incerteza sobre a aquisição de alimentos, ou seja uma ruptura no padrão alimentar; é moderada quando, além da incerteza, há também interferência na quantidade de alimentos consumida e, por fim, é considerada insegurança alimentar grave quando há falta de alimentos à mesa e pelo menos um dos moradores da residência encontra-se em situação de fome (MALUF, 2021).

Ademais, é fundamental levar em conta o entendimento de que o ato alimentar ultrapassa o ato biológico associado à sobrevivência, comum a todos os seres vivos, e configura uma série de códigos sociais e culturais, que muitas vezes passam despercebidos por serem intrínsecos ao nosso comportamento cotidiano. Nesse sentido, proponho apreender as estratégias alimentares presentes à mesa das seis interlocutoras participantes da pesquisa, dentre as quais, neste trabalho, a atenção será conduzida a uma das famílias estudadas.

Em contato com Martha¹, a dona do minimercado estudado, foi possível notar algumas dessas estratégias, como o aumento de consumo de ovos em substituição a carnes vermelhas. Mas, ainda assim, os dados obtidos junto a ela mostravam-se insuficientes para afirmar a existência de insegurança alimentar nos arredores. Em primeiro lugar, porque apesar da substituição de carnes por ovos evidenciar a existência de insegurança alimentar nos arredores do mercado, esse dado não me oferecia, por si, maior entendimento para analisar em que grau isso ocorria, o que provocou que procurasse reconfigurar a relação com o campo, especialmente porque se mostrava necessário buscar outros parâmetros além da visão da comerciante que, apesar de importante, não oferecia um quadro amplo.

Foi guiada por essas questões metodológicas que passei a ter contato com as demais participantes da pesquisa. Trago como exemplo minha primeira conversa com a interlocutora Olivia. Ao contrário de minha primeira conversa com Martha, em que estivera insegura quanto ao que eu perguntava, com Olivia, me senti confortável para, logo de cara, indagar sobre seus hábitos alimentares e as principais mudanças ocorridas na pandemia. A resposta foi espontânea. “Não mudou nada, eu continuo comendo as mesmas coisas”. A diferença, segundo ela, está na adaptação, pois embora seguisse consumindo os mesmos gêneros alimentícios de antes da pandemia – arroz, feijão, macarrão, frutas e vegetais –,

¹ Mais do que um detalhe metodológico, a escolha desta e das demais interlocutoras em utilizarem seus nomes reais denota a relação de confiabilidade estabelecida durante o trabalho de campo (FONSECA, 2007).

alterou-se, na dieta de sua família, a quantidade consumida. Ainda, houve a entrada de marcas mais baratas. Esse tipo de mudança, a estratégia de troca de marcas, foi padrão observável junto a todas as interlocutoras da pesquisa, que, assim, procuravam reduzir o comprometimento da renda com os alimentos consumidos.

Além disso, chamou a atenção o fato dessa interlocutora possuir uma horta caseira, prática anterior à pandemia de Covid-19, mas que agora ganhava maior importância, viabilizando o consumo de legumes e verduras de sua família. Ainda que não sejam aqui trazidos dados específicos a respeito de hortas caseiras, a observação da vizinhança permite afirmar que o cultivo de pequenas hortas caseiras tem tido maior ocorrência, o que penso estar entre as estratégias para fazer frente à insegurança alimentar decorrente das condições associadas à pandemia de Covid-19 e à redução da renda familiar.

A aproximação em relação a Maria ocorreu de forma espontânea, assim como ocorrera com Olivia. Para melhor contextualização das escolhas alimentares feitas por ela e sua família, vale ter presente a renda mensal total de sua família, de 950 reais, provenientes do trabalho informal de sua filha mais velha. Além de Maria e dessa filha, em sua casa moram suas duas filhas mais novas. Antes da pandemia, duas das quatro moradoras trabalhavam. Sua filha mais velha já trabalhava como cuidadora de idosos, trabalho que mantém até o presente. Mas Maria perdeu seu emprego, em janeiro de 2020, quando houve corte de gastos no estabelecimento em que trabalhava, na limpeza. Desde então, ela não conseguiu encontrar emprego. Quando indagada sobre os gastos relativos à alimentação da família antes da pandemia, Maria respondeu, demonstrando a satisfação que sentia com a situação anterior, que então conseguia dividir seu salário entre as compras do mês e as demais despesas (luz, água etc). Antes da pandemia, as compras de abastecimento da casa eram feitas mensalmente no mercado e semanalmente na feira.

No que se refere ao Auxílio Emergencial, Maria não foi contemplada, mas sua filha sim. Conforme comentado por ela, enquanto o Auxílio foi vigente, esse recurso possibilitou maior segurança, sendo destinado às despesas da casa. Com o fim do Auxílio, a situação financeira ficou apertada, sendo reduzido o dinheiro destinado exclusivamente para a comida. Maria relatou que, antes desse período, a dieta familiar era variada e saudável, pois nela havia presença de muitos legumes, frutas, verduras, carnes e pouco consumo de ultraprocessados. Ela contou, ainda, que o consumo de ultraprocessados caiu bastante em sua família, pois apesar de serem itens mais baratos não são considerados comida por ela e as filhas que têm priorizado em suas compras, acima de tudo, o arroz e o feijão, sendo esse o prato de consumo cotidiano mais comum. A feira, antes realizada semanalmente, passou a ocorrer “de vez em quando” e sem ultrapassar gasto total da ordem de 30 reais. As compras em mercado, antes feitas todo final de mês, tornaram-se mais espaçadas. Assim, passaram a ser selecionados a dedo quais produtos seriam colocados à mesa.

Além das estratégias já comentadas, também é possível notar, a partir das falas das interlocutoras, outros mecanismos voltados à manutenção e acesso a alimentos. É o caso da procura por redes de solidariedade entre amigos, familiares e vizinhança, mas também junto ao chamado Terceiro Setor. A esse respeito, tive oportunidade de conversar com Sandro Mesquita, coordenador geral da Central Única das Favelas (CUFA) de Pelotas, que relatou que, apesar do

esforço das organizações sociais do terceiro setor e de a solidariedade ser aliada importante para redução dos efeitos da crise econômica e sanitária, não são suficientes para suprir as necessidades da população e, tampouco, acabar com o problema estrutural da fome, especialmente porque, ainda que as organizações sociais venham, desde o início da pandemia, mobilizando a doação de alimentos para quem precisa, as doações têm sido cada vez mais escassas.

4. CONCLUSÕES

A insegurança alimentar sentida por Maria está posta muito além do incômodo no estômago. Tal como apontado por Freitas (2003, p. 128) a fome, “é algo que atravessa o físico, o emocional e até mesmo as condições socioeconômicas”. Diante dos cortes orçamentários, a interlocutora diz sentir-se impotente e com raiva, pois frente à insegurança do que virá a compor a dieta alimentar de sua família sente-se falhando com suas filhas. Ela relata que antes, quando podia prover a mesa e arcar com as demais despesas da casa, sentia-se contente, agora a sensação predominante é de desamparo.

Tal insegurança alimentar reflete também a falta e a substituição que desde o início da pandemia milhares de brasileiros têm feito em seu cotidiano alimentar como forma de atenuar os efeitos da crise sanitária em seus lares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Daiane. **Renato Maluf: A insegurança alimentar no Brasil não é só produto da pandemia.** 2021. Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51888>. Acesso em: 18 ago. 2022.

CARDOSO, Letycia. Na pandemia, preço de botijão de gás teve alta de quase 50% no Brasil. **Extra.** Rio de Janeiro. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/na-pandemia-preco-de-botijao-de-gas-teve-alta-de-quase-50-no-brasil-25391089.html>. Acesso em: 18 ago. 2022.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”. **Teoria e Cultura**, v. 2, n. 1 e 2, p. 39-53, 2008.

FORAPANI, Gabriela. **Desertos alimentares:** O que são e como influenciam na composição das dietas das famílias. 2019. 20p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Nutrição), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de. **Agonia da fome.** Editora Fiocruz, 2003

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018: avaliação nutricional da disponibilidade domiciliar de alimentos no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

SCHAPPO, Sirlândia. Fome e insegurança alimentar em tempos de pandemia da covid-19. **SER Social**, v. 23, n. 48, p. 28-52, 2021.

PENSSAN, Rede. Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil. **Rio de Janeiro: Rede Penssan**, 2022.